

FLiP 2014

Mesas políticas dominam penúltimo dia do evento, que teve momentos emocionantes

Preocupações globais como violência, catástrofes climáticas e liberdade de expressão estiveram em pauta

ANDRÉ MIRANDA, FERNANDA DUTRA, GUILHERME FREITAS E MARINA GONÇALVES

De Paraty
prosaeverso@oglobo.com.br

O sábado da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip) começou com críticas a EUA, Israel e Brasil, seguiu com lembranças e lágrimas pelos 50 anos do golpe militar, teve um debate sobre o papel da literatura e do humor durante confrontos como os que vêm ocorrendo na Faixa de Gaza e ainda encontrou espaço para denunciar a ofensiva contra os direitos indígenas no país. Foi um dia político na Flip, o mais comentado pelo público até aqui, inclusive com uma manifestação de mulheres de topless numa campanha contra o machismo.

Num debate intitulado “Liberdade, liberdade”, o jornalista Glenn Greenwald e o cineasta Charles Ferguson, ambos nascidos nos EUA, sintetizaram em cerca de uma hora e 20 minutos algumas das maiores preocupações do mundo nas últimas décadas. Ferguson, diretor de “Trabalho interno” (2010), documentário vencedor do Oscar, afirmou que o presidente americano, Barack Obama, mentiu quando disse que não havia provas para prender os responsáveis pela crise financeira de 2008.

REALIDADE CONFLITUOSA

Já Greenwald, o jornalista que revelou em reportagens o esquema de espionagem praticado pela National Security Agency (NSA) ao redor do mundo, afirmou que o Brasil deveria dar asilo político a Edward Snowden, ex-agente da NSA, hoje morando na Rússia.

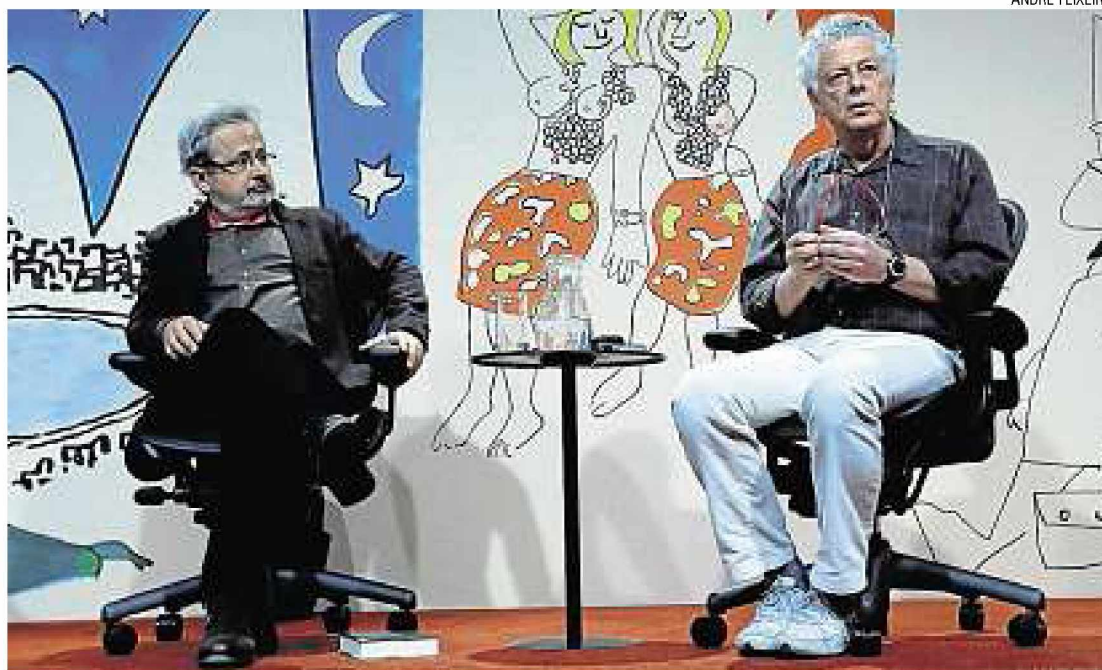
— Todos os países que se beneficiaram das denúncias de Snowden tinham não apenas a obrigação legal, mas a obrigação moral de dar seu apoio. O Brasil não recebe Snowden porque parece estar mais com medo de desagradar aos EUA do que com medo de ser espionado — disse Greenwald, que também criticou Israel. — Apesar de a palavra “terrorismo” ser usada excessivamente, ela não tem significado algum. Entre 75% e 80% das 800 pessoas que Israel matou em Gaza até o início da semana eram inocentes. Mas nenhuma das pessoas mortas por palestinos foi civil, apenas militares israelenses. Mesmo assim, há gente dizendo que o Estado que mata inocentes representa a democracia, enquanto Gaza representa o terrorismo.

A mesa seguinte, “Memórias do cárcere: 50 anos do golpe”, por sua vez, trocou o tom combativo pela emoção. Com a participação dos escritores Marcelo Rubens Paiva e Bernardo Kucinski e do economista Pêrsio Arida, sob mediação da antropóloga Lília Schwarcz, o debate recordou os anos de ditadura com fortes aplausos da plateia. Rubens Paiva leu um texto sobre sua mãe, Eunice Paiva, viúva do ex-deputado federal desaparecido Rubens Paiva, desaparecido sob a ditadura militar. O escritor se emocionou e as lágrimas interromperam diversas vezes a leitura. Ele, que foi aplaudido de pé ao final da mesa, então revelou:

— Eu fui pai agora, estou vendo tudo isso com outros olhos — disse ele, que atualmente escreve um livro sobre a militância de sua mãe. — Descobri que mulheres como minha mãe, Zuzu Angel e Clarice Herzog é que combateram a ditadura pela honra de seus amados maridos e filhos. Minha mãe antes era uma dondoca. De-



Repressão. Crimes da ditadura foram evocados por Pêrsio Arida (à esquerda) e pelo escritor Marcelo Rubens Paiva, que chorou ao lembrar do pai, desaparecido sob o regime militar



Lição indígena. Os antropólogos Viveiros de Castro (esquerda) e Beto Ricardo: preparação para o fim do mundo

pois se formou em Direito, especializou-se em direito indígena e acabou virando uma referência para muitos políticos mais novos.

Mais tarde, os escritores Etgar Keret e Juan Villoro, o primeiro israelense e o segundo mexicano, explicaram como a literatura pode servir de refúgio para uma realidade conflituosa. Na mesa “A verdadeira história do Paraíso”, mediada pelo jornalista Ángel Gurría-Quintana, Villoro disse que as narrativas sobre o narcotráfico são diferentes em EUA e México e que seria preciso chegar a uma narrativa comum para alcançar uma solução.

A Keret coube comentar a guerra travada entre israelenses e palestinos na Faixa de Gaza. Ele chamou de “ridícula” a recente declaração de um porta-voz do governo de Israel, que classificou o Brasil como um “anão diplomático”.

— Às vezes acho que, em Israel, quanto mais medo temos, mais agressivos somos. Em dias melhores, provavelmente teríamos dado uma resposta mais inteligente ao governo brasileiro — afirmou. — A ideia de se chegar a um meio-termo significa abrir mão de alguma coisa para se viver em paz. Dividir um espaço de terra para

os dois lados pode não ser tão prazeroso para nenhum dos dois, mas tornaria aquele lugar “vivível”, se é que existe essa palavra.

No fim da tarde, a mesa “Tristes trópicos”, mediada pela jornalista Eliane Brum, reuniu os antropólogos Eduardo Viveiros de Castro e Beto Ricardo, que abriu o debate lembrando a declaração, feita por um embaixador brasileiro em Paris nos anos 1930, de que no Brasil os índios estavam “extintos”. Ricardo disse que essa visão ainda existe na sociedade brasileira e denunciou ataques aos direitos indígenas, sobretudo os conquistados na Constituição de 1988, como a demarcação de reservas. Viveiros de Castro citou como exemplo mais dramático dessa ofensiva o caso das populações tradicionais no Mato Grosso do Sul, como os guarani.

— Os índios do Mato Grosso do Sul vivem numa Faixa de Gaza brasileira. Estão confinados na beira da estrada, e ainda têm seu território pouco a pouco reduzido, sofrendo todo tipo de violência — disse Viveiros de Castro, para quem os índios não são “lembrança do passado” e, sim, “exemplo” para o futuro. — Vivemos uma catástrofe climática. Nosso mundo, entendido como modo de vida, já acabou. Então, nada melhor do que consultar os especialistas em fim de mundo, os índios. O mundo deles acabou há 500 anos. Mas alguns sobreviveram. E mostram que é possível viver numa terra sem destruí-la.

A mesa foi assistida pela candidata a vice-presidente Marina Silva (PSB), que também marcou presença no debate sobre a ditadura militar. A festa ainda viu uma performance do coletivo brasileiro mo[vi]mento-MG/RJ, que levou homens de saia e mulheres de topless para a Praça da Matriz, na campanha “Homens libertem-se/Men get free”, contra o machismo. ●

MÁRCIA FOLETTO

ANDRÉ TEIXEIRA